

Artigo recebido em 05/02/2021 e aprovado em 18/04/2021.

Notas sobre os conceitos de Nacionalismo, Imperialismo, e o desenvolvimento da Sociedade Internacional de Estados

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os conceitos de nacionalismo e de imperialismo, com ênfase em como eles foram apropriados ao longo do tempo. Esses conceitos ganham significado com o passar dos anos e são importantes para a compreensão do desenvolvimento da sociedade internacional de estados, nos moldes de Adam Watson. Tal análise será feita de maneira comparada, pois entende-se que essa metodologia é fundamental para um assunto de demasiada complexidade. Acreditamos que a apropriação do nacionalismo e do imperialismo ocorre de maneira distinta, de acordo com a realidade histórica e temporal em que essas doutrinas se manifestam, e que um olhar quanto a isso é fundamental para sua aplicação e uso na pesquisa histórica.

Palavras – chave: Conceitos. Nacionalismo. Imperialismo.

* Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Mestre em Educação e Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GER/UFS/CNPq). E-mail: diego@getempo.org

Abstract:

This article aims to reflect on the concepts of nationalism and imperialism, with an emphasis on how they have been appropriated over time. These concepts gain significance as the years go by and are important for understanding the development of the international society of states, following the principles of Adam Watson. This analysis will be carried out in a comparative manner, as it is understood that this methodology is crucial for a subject of great complexity. We believe that the appropriation of nationalism and imperialism occurs in distinct ways, according to the historical and temporal reality in which these doctrines manifest themselves, and that a careful examination of this is essential for their application and use in historical research.

Key-words: *Concepts. Nationalism. Imperialism.*

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os conceitos de Nacionalismo e de Imperialismo com ênfase em como eles foram apropriados ao longo do tempo. Esses conceitos ganham significado com o passar dos anos e são importantes para compreensão do desenvolvimento da sociedade internacional de estados aos moldes de Adam Watson. Tal a análise será feita de maneira comparada pois, entende-se que essa metodologia é fundamental para um assunto de demasiada complexidade. Para isso, estabeleceremos a princípio os parâmetros de comparação adotados.

Ao nos depararmos com os conceitos de Nacionalismo e Imperialismo temos o hábito de necessariamente remeter ao século XIX devido ao papel dado a tais aspectos nesse período. O historiador René Remond explica que o século XIX, principalmente do ponto de vista europeu, foi marcado por duas características (1974). A primeira delas foi o projeto de dominação global empreendido pelos impérios da Europa em sua incessante corrida imperialista que acarretaria uma série de consequências catastróficas para os povos colonizados e para os próprios europeus com as duas guerras mundiais.

O segundo aspecto foi as tensões decorrentes da questão social em meio a disputas ideológicas quanto a como esse novo estado deveria se organizar. Nisso, enquanto alguns estados almejavam se tornar potências com dominação global, as lutas e tensões sociais acendiam e despertavam disputas e paixões. Uma batalha política foi travada em torno de discussões em torno da desigualdade. Isso ocupou um papel central na política europeia no século XIX. O socialismo, o liberalismo, a democracia e o nacionalismo apareciam como instrumentos de libertação das pessoas da opressão e da exploração. Já o imperialismo era defendido como um instrumento de imposição da ordem e meio de alcançar o dito progresso.

Todavia, é válido lembrar que conceitos como Imperialismo e Nacionalismo possuem também sua historicidade. Sabemos que os conceitos históricos são construções que carregam consigo aspectos da historicidade de sua época e que muda o sentido do conceito a medida em que se altera a experiência social e concreta (KOSELLECK, 1992). Nesse texto, exploraremos brevemente alguns aspectos desses conceitos e discorreremos sobre seus usos ao longo do tempo, além de compará-los.

2. *Nacionalismo e Imperialismo: dois campos doutrinários*

Primeiramente, entende-se aqui que a relação entre Nacionalismo e Imperialismo remete a dois campos doutrinários que inspiram a atuação dos Estados na Sociedade Internacional de Estados. Além disso, levamos em consideração que a relação entre Nacionalismo e Imperialismo é contraditória e complexa. Em sua gênese, o nacionalismo surgiu em contraponto às pretensões imperialistas e, quando este se estabeleceu, acabou influenciando pretensões como as observadas no imperialismo colonial do século XIX. Mas, como essas relações funcionam?

Ao estudar a evolução da Sociedade Internacional de Estados, Adam Watson defendeu que quando pessoas e entidades políticas se relacionam mutuamente passa a existir um sistema e que a organização do mesmo é feita a partir de noções de independência e soberania (2004, p. 28). Desse modo, Watson estabeleceu um paradigma que nos permite pensar a Sociedade Internacional em ciclos constituídos na relação entre o estabelecimento de Impérios e manifestações de Múltiplas Independências (2004). Relação esta que também remete aos conceitos de Independência e soberania. Por exemplo, no mundo helênico das cidades-estados (*pólis*) havia independência e autodeterminação, já Roma foi um Império e, por isso, exerceu soberania em suas periferias. Depois, com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) houve na Europa ocidental um processo de múltiplas independências (autodeterminação) que estiveram em choque com as pretensões imperialistas (soberania) dos Carolíngios (séc. IX e X) e, posteriormente, dos Habsburgos.

Evidentemente, os conceitos de imperialismo/soberania e independência/autodeterminação não existem em absoluto e podem dialogar. Um momento no qual tal relação pode ser observada foi entre o século XIX e o começo do século XX na qual existiram nações com pretensões imperialistas. O que demonstra, conforme veremos, que o nacionalismo pode ser utilizado tanto como uma doutrina antagônica ao imperialismo, como também como um instrumento para sua legitimação.

Durante o século XIX a relação entre os nacionalismos e o imperialismo esteve mais acirrada. Para compreendê-la temos que partir de alguns pressupostos. Primeiramente, Nacionalismo e Imperialismo são doutrinas que remetem respectivamente a pretensões de múltiplas independências e construção de Impérios. Por mais “natural” que essas doutrinas sejam, elas se relacionam com grupos sociais, partidos e movimentos que fazem uso delas para pautar sua atuação. Por exemplo, o vocábulo Imperialismo é apropriado por diversos grupos que trazem a ele significados diferentes de acordo com suas pretensões políticas. Em *A Luta Pelo Poder: O Imperialismo*, Hans J. Morgenthau (2003) faz uma reflexão sobre o que o Imperialismo não é. Para este autor, “imperialismo”, assim como “imperialista” são termos que passaram a ser aplicados indiscriminadamente seja por anglófilos, russófilos, americanófilos, entre outros.

Morgenthau define o Imperialismo “como sendo uma política que visa à demolição do *status quo*, que busca uma alteração nas relações de poder entre duas ou mais nações” (2013, p. 98). No caso “nem toda política externa voltada para um acréscimo no poder de uma nação constitui necessariamente uma manifestação de imperialismo.” (2013, p. 98). Ou seja, para que seja imperialismo tem que haver mudança no *status quo*, o que representa uma alteração nas estruturas de poder de modo

que, um acréscimo de poder por si só não representa imperialismo. Além disso, ainda segundo este autor, uma política de manutenção de um império não denota imperialismo de modo que o vocábulo imperialismo seria referente a ação de criar um império e não de mantê-lo, o que seriam coisas distintas.

Já o Nacionalismo, oriundo do sentimento nacional, como explicam Pierre Renouvin e Jean-Baptiste Duroselle é fruto de uma forma de consciência coletiva que se manifesta em meio de grupos humanos (1967, p. 180). Enquanto a concepção do que seria uma nação para estes autores é algo complexo e a razão disso está na dificuldade em lidar com múltiplos fatores relacionados ao surgimento e a formação de um sentimento nacional que vão desde: o território; a raça; a língua; as recordações históricas; as tradições; a civilização intelectual e a religião. Tais aspectos influenciam o surgimento de um sentimento nacional, embora não sejam determinantes e tampouco obrigatórios. Por exemplo, na Bélgica a língua não era universal e mesmo assim houve sentimento nacional do mesmo modo que, outros países, tinham grupos com religiões diferentes e isso também não atrapalhou para o surgimento do sentimento nacional.

O Nacionalismo enquanto doutrina serviu para dar base aos Estados nacionais modernos. Se antes as pessoas viviam em reinos ou impérios e o que as unia era a devoção ao rei ou ao imperador, a partir de então o que passaria a uni-las dentro de uma entidade política passa a ser o nacionalismo. Não era mais ser devoto da coroa e sim da nação. Para Renouvin e Duroselle:

A formação das unidades nacionais foi dominada por uma preocupação essencial: inculcar em populações que apresentavam características em comum no domínio linguístico, e que tinham um patrimônio comum de reminiscências históricas, mas sujeitas a soberanias políticas diferentes, o

desejo de viver em comum, em um mesmo Estado. Tratava-se, portanto, de manter e de difundir um estado de espírito. “RENOUVIN; DUROSELLE, 1967, p. 189)

Desse modo, os nacionalismos foram movimentos de associação. Os Estados nacionais delimitaram suas relações nessa doutrina que visava também o respeito às nações vizinhas. Renouvin e Duroselle nos lembra que “o Estado nacional, assim que adquiriu força e consistência, raramente respeitou os direitos das outras nações” (1967, p. 223). O Estado-Nação se tornou expansionista tendo o apogeu de suas pretensões imperialistas manifestada no período de 1880-1914 (período marcado entre a Partilha da África até a eclosão da Primeira Guerra Mundial).

No período aqui analisado, essa relação entre imperialismo e nacionalismo ficou ainda mais complexa com o nacionalismo servindo como base para o imperialismo colônia. Renouvin e Duroselle explicam que os Estados Nacionais se expandem em busca de exercer domínio em outras regiões a partir de uma série de argumentos que remetiam a interesses econômicos para escoar a produção industrial; estratégicos em busca de garantir rotas marítimas; morais tanto do ponto de vista civilizatório quanto religioso; de prestígio já que a expansão era uma “lei natural” e de poderio para não permitir que os outros estados tivessem vantagem nessa disputa (1967, p. 223).

É válido ressaltar que a apropriação destes argumentos de interesse não ocorreu de maneira linear. Cada Estado-Nacional pautou suas pretensões imperialistas a partir de seus interesses. Ao compará-los podemos observar melhor esses traços de distinção. Enquanto na segunda metade do século XIX França e Inglaterra já haviam estabelecido seus impérios, a recém unificada Alemanha, os Estados Unidos e o Japão faziam sua expansão imperialista o que demonstra que cada país estava

em um momento específico. No caso de França e Inglaterra o nacionalismo estava a serviço da preservação de seus impérios enquanto nos Estados Unidos, Alemanha e Japão o nacionalismo era usado para justificar e inspirar suas pretensões imperialistas.

Conforme afirma Morgenthau (2003), o imperialismo remete a ações para a construção de um império. Ao comparar os casos aqui citados concluímos que França e Inglaterra, se preocupavam mais em manter e administrar seus impérios de que expandi-lo exercendo aquilo que Renouvin e Duroselle denominou como “nacionalismo defensivo” (1963). Já os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão adotaram de 1840 um “nacionalismo ofensivo” com caráter expansionista e agressivo. Os alemães, inspirados pelo pangermanismo, queriam sua parte na chamada “partilha do mundo” enquanto os estadunidenses e japoneses exerciam sua influência em áreas próximas almejando ser a nação dominante nas Américas e na Ásia respectivamente.

Desse modo, ao comparar a atuação destes países percebemos que, conforme citado anteriormente neste texto, tanto o nacionalismo quanto o imperialismo são doutrinas flexíveis, ou seja, se manifestam de maneira variada conforme a apropriação recebida pelos mesmos.

Outro elemento importante neste aspecto foi o chamado *senso de dos destinos nacionais*. Renouvin e Duroselle explicam que cada povo forma uma concepção própria dos seus interesses nacionais (1963, p. 243). No caso da Alemanha havia a tese da superioridade germânica em relação aos outros povos. E suas pretensões imperialistas se justificavam pelo pangermanismo e pela ideia de que somente as nações que possuíam *kultur*, que seria um valor incontestável, teriam direito a existência política (p. 225). Já o senso de destino nacional dos Estados Unidos teve como traço marcante o isolacionismo que a posteriori foi substituído pelo intervencionismo em assuntos externos a partir de 1919. O expansionismo agressivo dos EUA baseada no *Manifest Destiny* aplicava a ideia de que devido a sua dimensão,

os Estados Unidos tinham direito de exercer influência em áreas próximas (1963, p. 234).

3. Conclusão

Percebe-se que a apropriação do nacionalismo e do imperialismo ocorre de maneira distinta de acordo com a realidade histórica e temporal a qual estas doutrinas se manifestam. Desse modo, a relação entre nacionalismo e imperialismo no período aqui analisado remete a uma complexidade de ações que demonstra que Nacionalismo/Autodeterminação e o Imperialismo não representam um antagonismo e nem uma similaridade absoluta. Sendo assim, conclui-se que a percepção atenta a aspectos dessas doutrinas é fundamental para os estudos relacionados a Sociedade Internacional de Estados e para a compreensão da dinâmica do paradigma de Adam Watson.

4. Referências Bibliográficas

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

MORGENTHAU, Hans. A luta pelo poder: o imperialismo. IN: MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Editora: Universidade de Brasília. São Paulo, 2003.

RÉMOND, René. **O século XIX: 1815-1914**. Cultrix, 1974.

RENOUVIN, Pierre e DUROSELLE, Jean-Baptiste. O sentimento nacional. IN: **Introdução à História das Relações Internacionais**. São Paulo, 1967.

RENOUVIN, Pierre e DUROSELLE, Jean-Baptiste. Os Nacionalismos. IN: **Introdução à História das Relações Internacionais**. São Paulo, 1967.

WATSON, Adam. **A evolução da sociedade internacional: uma análise histórica comparativa**. Brasília: UNB, 2004